

O discernimento espiritual na «Imitação de Cristo»

INTRODUÇÃO

O discernimento espiritual é uma tarefa tradicionalmente cristã e pertence ao substracto mais antigo e mais profundo de toda a espiritualidade cristã. Daí que a palavra «discernimento» seja um vocábulo utilizado desde muito cedo na comunidade cristã. É uma palavra cheia de conteúdo e a sua história caminha paralelamente com a história do cristianismo. Por isso o discernimento espiritual é uma dimensão inerente ao ser cristão e uma exigência inerente também a uma atitude fundamental de fé que tem uma concretização distinta nos diferentes períodos e épocas da história. Estes períodos são situações e momentos que dão vitalidade e actualidade a determinadas perspectivas que não eram colocadas em relevo pelas diversas situações históricas.

O termo grego «diacrisis» e as palavras latinas «discernere» e «discretio» originariamente significavam dividir, separar, distinguir. O discernimento espiritual, em toda a tradição cristã, consiste na eleição que o homem faz da luz de Cristo e da colocação em prática, no concreto da vida, das consequências dessa escolha mediante a procura de decisões e acções concretas requeridas pela vontade de seguir a Cristo. Trata-se de chegar a decisões práticas que respondam ao desafio que supõe, para o cristão, o facto de viver com autenticidade as exigências da sua vocação numa situação concreta.

O discernimento é uma questão principal no conjunto da vida cristã. Segundo o N. T., o discernimento é o critério que dá a medida do espírito cristão. Um espírito autenticamente cristão, que está contido em qualquer projecto de espiritualidade cristã, determina-se pelo que nesse mesmo projecto diz no referente ao discernimento. Com efeito, o discernimento é a expressão do culto autêntico dos cristãos (Rom. 12, 1-2), o mecanismo que, mediante o amor, pode levar a descobrir qual é a vontade de Deus (Fil. 1,9-10) e a pôr em prática o caminhar pela vida como filhos da luz em contraposição aos filhos das trevas (Ef. 5,8-10).

O livro da «Imitação de Cristo» foi, ao longo destes cinco séculos e até hoje, o programa de vida espiritual de muitas gerações de cristãos. Apesar de o termo «discernimento» aparecer poucas vezes ao longo da obra¹ é bem sabido que um dos temas maiores da «Imitação de Cristo» é precisamente o tema do discernimento².

¹ O verbo «discernere» é utilizado 3 vezes:

- 1) «Tu scis quid unicuique donari expedit, et cur iste minus et ille amplius habeat, non nostrum, sed tuum est discernere, apud quem singulorum definita sunt merita» (III, XXII, 3).
- 2) «Non me sinas secundum visionem oculorum exteriorum iudicare, neque secundum auditum aurium hominum imperitorum sententiare; sed in iudicio vero de visibilibus discernere atque super omnia voluntatem beneplaciti tui semper inquire» (III, L, 7).
- 3) «Fili, dilligenter adverte motus naturae et gratiae, quia valde contrarie et subtiliter moventur, et vix, nisi a spirituali et intime illuminato homine, discernuntur» (III, LIV, 1).

Castillo diz que o verbo «discernere» só aparece uma vez na «Imitação de Cristo» (III, LIV, 1) Cf. J. M. CASTILLO, *La «Imitación de Cristo» y «Camino»: del discernimiento privatizado a la anulación del discernimiento*, in *Concilium* 139 (1978) 541.

² Cf. B. SPAAPEN, *Imitation de Jésus-Christ (Livre) Doctrine*, in *Dictionnaire de Spiritualité* VII/2, Paris, 1971, 2365-2366. Cf. também P. DEBONGNIE, *Les thèmes de l'imitation*, in *Revue Histoire Ecclesiastique* 36 (1940) 289-344. É um bom trabalho sobre as características literárias e os temas dos quatro livros.

De facto na «Imitação de Cristo», o livro mais representativo da «Devotio Moderna», a interioridade, a observação e o discernimento das diversas moções interiores e especialmente a observação dos tempos de consolação e desolação, encontram-se em primeiro plano. Nele encontramos duas linhas paralelas não coincidentes. Uma é a análise da consolação e da desolação e a outra as inclinações do homem segundo a carne e do homem segundo o Espírito.

É nosso objectivo fazer o estudo do discernimento espiritual na «Imitação de Cristo». Uma vez que se encontra ao longo de toda a obra, será nosso intento fazer uma sistematização e ver quais são os critérios que oferece para descobrir o que Deus quer.

1. O LIVRO DA «IMITAÇÃO DE CRISTO» NO CONTEXTO DA «DEVOTIO MODERNA».

A «Devotio Moderna»³, movimento espiritual no qual se insere a obra em estudo, é uma forma prática, equilibrada e profundamente piedosa de conceber e encarnar a vida espiritual, partindo da revivência das doutrinas de Santo Agostinho. Tem a sua origem nos Irmãos da Vida Comum — fundados em Deventer, região centro da actual Holanda, nos finais

³ «Devotio» como expressão de um estado interior de ânimo disponível para o serviço virtuoso de Deus, é uma palavra muito utilizada na alta Idade Média.

«Moderna» tem sabor a inovação.

A nova corrente espiritual junta uma palavra e um conceito antigos (Devotio) a um qualitativo e a um conteúdo modernos (Moderna). Assim ao «homo interior» de Eckhart e sua escola sucede o «homo devotus» que é menos especulativo mas mais prático; à via antiga sucede a via moderna. Cf. B. JIMÉNEZ DUQUE, *Historia de la Espiritualidad*, II, Barcelona, Juan Flors Editor, 1969, 15. Para mais desenvolvimento ver por exemplo: E. SCHAEPRIJVER, *La «Dévotion Moderne»*, in *Nouvelle Revue Théologique* 54 (1972) 742-772; J. SULIVAN, *La devotion moderne, Introduction à l'imitation de Jésus-Christ*, Paris, Desclée de Brouwer, 1979; R. G. VILLOSLADA, *Rasgos característicos de la «Devotio Moderna»*, in *Manresa* 28 (1956) 315-350.

do século XIV — e na Congregação dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho de Windesheim. Esta fundação de Windesheim nasceu, por sua vez, dos Irmãos da Vida Comum. As duas instituições (Irmãos da Vida Comum e Congregação de Windesheim) inspiravam-se em Rusbroeck, o místico flamengo.

A nova tendência espiritual enlaça com a devoção medieval, actualizando-a, modernizando-a e pondo-a ao dia. Mas como toda a adaptação pressupõe uma reacção, uma reforma de algo, em primeiro lugar, a «Devotio Moderna» reage contra o torpor e a degeneração ética que invadiu a Cristandade devido à peste negra (1348-1350) e a outros males inerentes ao grande cisma do ocidente (1378-1417). Em segundo lugar reage contra o idealismo vaporoso da mística renana. O «homo interior» de Eckhart e seus discípulos resultava demasiado complicado⁴. Por isso como meio de reforma se impõe o regresso a uma vida ascética de tipo medieval em que a mesma vida ascética implicava métodos e exercícios espirituais eficazes: o «homo devotus» será menos especulativo e mais realista que o «homo mysticus» dos mestres renanos. Estas duas gerações são características de todo o movimento da «Devotio Moderna», cujos limites cronológicos vão aproximadamente de 1350 a 1500⁵.

Esta corrente haveria de deixar suas marcas inconfundíveis em toda a espiritualidade ocidental.

O Livro «A Imitação de Cristo»⁶ situa-se no seio deste movimento de devoção anti-especulativa, caracterizado pelo

⁴ *Ibidem*.

⁵ Cf. A. HUERGA, *Devotio Moderna*, in *Diccionario de Espiritualidad*, I, Barcelona, Herder, 1983, 576. Ver também B. BRAVO, *Gerardo Groote, Tomás de Kempis y Erasmo de Rotterdam*, in *Manresa* 32 (1960) 223-242; R. GARRIGOU-LAGRANGE, *La mystique de «l'Imitation» accessible à tous*, in *La vie spirituelle* 57 (1938) 19-27; P. MESNARD, *La conception de l'humilité dans l'Imitation de Jésus-Christ*, in *Mélanges H. de Lubac*, II, Paris 1964, 199-222; ID., *La notion de simplicité dans l'Imitation de Jésus-Christ*, in *Revue d'Ascétique et de Mystique* 41 (1965) 325-338; J. SUDBRACK, *Personalisme? Pour lire à neuf l'Imitation de Jésus-Christ*, in *Christus* 78 (1973) 178-190.

⁶ A melhor edição é: *De Imitatione Christi*, ed. critica a cura di Tiburzio Lupo, SDB, Città del Vaticano Libr. Vaticana, 1982. Como tradução portuguesa vimos: *Imitação de Cristo*, trad. revista e pref. por Joaquim Capela OFM, Braga, Ed. Franciscana, 1980.

sublinhar da dimensão prática de vida e do carácter afectivo, por adoptar uma perspectiva moralista e pedir aos seguidores meditação metódica, interioridade e ascetismo.

O livro da «Imitação de Cristo», escrito provavelmente por Tomás de Kempis⁷, foi nos últimos cinco séculos o livro mais lido e mais traduzido depois da Bíblia no mundo ocidental. Conservam-se mais de 800 manuscritos e mais de 4000 edições diferentes⁸. Católicos, protestantes, jansenistas, pietistas e incluso filósofos têm admirado e venerado esta obra. Por outro lado está bem enquadrada na corrente da «Devotio Moderna»

⁷ O estado actual da investigação sobre a autoria do livro está muito bem exposto por A. AMPE, *Imitation de Jésus-Crist (Livre). Le livre et l'auteur*, in *Dictionnaire de Spiritualité* VII/2, Paris 1971, 2338-2355.

Tomás de Kempis (1380-1471) nasceu em Kempen (próximo de Colónia) de uma família pobre. Discípulo de Florêncio Radewijns aprende da mesma fonte a espiritualidade da «Devotio Moderna». Aos 20 anos entra no mosteiro de Agnetenberg (próximo de Zwolle), uma das filiais de Windesheim, de que seu irmão maior era co-fundador e prior. Em 1406 tomou hábito e ocupou o cargo de mestre de noviços. Neste mosteiro do monte de S. Inês viveu toda a sua vida dedicada exclusivamente a escrever, copiar manuscritos e à direcção espiritual. Ver também *VI Centenario del Kempis*, in *El Ciervo* 346 (1979) 16-19.

⁸ A primeira versão portuguesa da «Imitação de Cristo» (Livro I) de que há notícia é de Frei João Álvares, da segunda metade do século XV (códice n.º 18 do Fundo Azevedo da Biblioteca Municipal do Porto). Dos meados do século XVI existem, na Biblioteca Nacional de Lisboa, códice Alcobacense CDLXXV/2977, excertos do Livro I. Do século XVII existe também na Biblioteca Nacional de Lisboa o códice n.º 4955 do Fundo Geral da mesma biblioteca que contém extractos do Livro I e o capítulo XII do Livro III.

Nas versões impressas conhecidas (relativamente tardias, pois não se conhece nenhuma do século XVI) aparecem sempre os quatro livros tradicionais.

Em Portugal, a partir do século XVII até hoje, foram editadas num total 49 edições da «Imitação de Cristo» (4 edições no século XVII, 11 edições no século XVIII, 16 edições no século XIX e 18 edições desde o início do século até hoje. Cf. I. V. CEPEDA, *As versões portuguesas da Imitação de Cristo*, in *Arquivo de Bibliografia Portuguesa* 8 (Coimbra 1962) 60-85. Ver igualmente desta autora: *Uma versão quinhentista inédita da «Imitação de Cristo»*, Lisboa, 1973. Cf. também D. MAURÍCIO, *Devotio Moderna*, in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* 6, 1204-1206.

e é o melhor fruto que produziu o final da Idade Média e tem todas as suas raízes bem fundadas nela⁹.

A «Imitação de Cristo» é de um género particular. Não é uma obra dividida em quatro partes mas é uma obra de quatro livros distintos que foram redigidos em diferentes intervalos de tempo são como momentos de um mesmo desenvolvimento intelectual e espiritual. É de notar que o tom afectivo se vai acentuando de livro para livro. O conjunto destes quatro livros contém pensamentos destinados a despertar, a promover e a alimentar a vida interior do homem¹⁰. Assim o primeiro livro (*Admonitiones ad spiritualem vitam utilis*) é de um estilo mais conciso, austero, forte e de sentenças lapidárias. Mostra a necessidade de seguir a Cristo abandonando os valores humanos e as coisas terrenas. É necessário procurar a compunção do coração, a humildade, a obediência, abandonar os pecados e reformar a própria vida. Podemos dizer que este primeiro livro é o livro da libertação porque ensina o homem a desprender-se de si mesmo e das vaidades do mundo.

O segundo livro (*Admonitiones ad interna trahens*) marca um certo aprofundamento e é um chamamento a uma maior interioridade. É necessário renunciar a tudo o que é externo, à amizade humana e a tudo aquilo que impede de amar a Jesus e, assim livre de tudo, melhor o poder seguir pelo caminho real da cruz. Este segundo livro toma o homem pela mão e leva-o às profundidades do seu próprio «eu».

O terceiro livro (*De interna consolatione*) apresenta-se sob a forma de diálogo entre Cristo e o discípulo e constitui uma verdadeira iniciação nos mistérios do amor divino. São palavras suaves e penetrantes do Mestre ao discípulo, interrompidas pelas súplicas deste. Neste terceiro livro exalta-se a abnegação, o domínio próprio, a paciência, a humildade, a paz, a confiança e, sobretudo, os admiráveis efeitos do amor divino. Também se descrevem os subtis movimentos da natureza e da graça.

⁹ Cf. B. JIMÉNEZ DUQUE, *Historia de la Espiritualidad*, I, 806-807.

¹⁰ Cf. SPAAPEN, *Imitation de Jésus-Christ*, in *Dictionnaire de Spiritualité* VII/2, 2357.

O quarto livro (*Devotio exhortatio ad sacram communionem*) trata da devoção à Eucaristia e da preparação para a comunhão¹¹.

A «Imitação de Cristo» apresenta-nos os fundamentos ascéticos da vida espiritual, a formação sólida nas virtudes e, apesar de condenar a especulação tomada como fim em si mesma, deixa aberto o caminho para a contemplação e anima a entrar nele. Mas também insiste no caminho que se deve seguir para que a vida intelectual não se separe das obras. Por isso faz ver que o caminho da humildade e da abnegação conduz, por si mesmo, à mais alta contemplação e à intimidade de Deus com mais segurança e menos risco que o caminho das altas especulações teológicas e místicas.

É evidente que não podemos esperar encontrar num livro dos finais da Idade Média as nossas ideias sobre a liturgia, sobre a Igreja, sobre a Bíblia e sobre a teologia. O autor da «Imitação de Cristo» é um contemplativo que busca a Deus num contexto histórico muito concreto¹².

Não tendo na devida conta o contexto histórico em que surgiu a «Imitação de Cristo», muitas vezes, o seu autor, foi definido como negativo e pessimista. Apesar disso tem muita riqueza e o excesso negativo fica compensado pela sua fervorosa devoção, pela sua piedade íntima e sincera, pelo seu amor à eucaristia e a Jesus Cristo. Por isso em toda a obra há um fundo de valores humanos, universais e eternos que tanto são úteis para monges como para leigos. Mas também é verdade que a «Imitação de Cristo» não se contenta em assinalar os

¹¹ Cf. F. VANDENBROUCKE, *Le Christ dans l'Imitation de Jésus-Christ*, in *La Vie Spirituelle* 110 (1964) 277. Cf. também SPAAPEN, *Imitation de Jésus-Christ*, 2360-2367.

¹² Da análise dos textos se pode deduzir que foi escrito nos princípios do século XV, época em que se impõe a tarefa de se refazer da desolação que deixara o século anterior: bula *Unam Sanctam* de Bonifácio VIII, residência dos papas em Avinhão, cisma do ocidente e peste negra.

O carácter colectivo da cristandade medieval dá lugar a um interesse pela individualidade de cada uma das partes. As coisas deixam de ser símbolos de uma complicada construção hierárquica e começam a ter sentido por si mesmas. Cf. X. MOLL, *Imitación de Cristo*, in *Diccionario de Espiritualidad*, II, Barcelona, 1983, 294.

princípios universais mas busca o corpo a corpo com o leitor individual, procura o diálogo pessoal e uma força de intimidade. Por isso não insiste no conhecimento dos dogmas, nos mistérios e valores objectivos, na recepção dos sacramentos, mas quer forçar o leitor a que tome e adopte uma posição livre e pessoal frente a Deus, a que se decida, a que se declare e defina pessoalmente desde a sua intimidade¹³. Daí o enorme êxito que teve ao longo da História da Espiritualidade cristã até aos nossos dias este livro que desde muito cedo foi conhecido pelos autores espirituais portugueses¹⁴.

Na «Imitação de Cristo» também surpreende e chama a atenção a importância da humildade¹⁵ porque esta nunca desaparece do horizonte. Em cada página volta a aparecer com o mesmo acento duro e vigoroso. Assim, a humildade, não é uma virtude entre as outras virtudes mas é o fundamento real de todas as outras virtudes. A humildade é a postura ou atitude fundamental do homem perante Deus. Esta atitude de humildade não se expressa convenientemente nos dois primeiros livros mas sim a partir do terceiro quando o homem, interiormente purificado, começa a penetrar e a compreender essa relação com Deus que exige um coração humilde, que nada possui. Consequentemente, o homem, nesta atitude de humil-

¹³ Cf. JIMÉNEZ DUQUE, *Historia de la Espiritualidad*, I, 807.

¹⁴ A «Imitação de Cristo» entrou, parcialmente, no ambiente cultural português por obra e zelo de Frei João Álvares, abade comendatário do mosteiro de Paço de Sousa, na diocese do Porto, e primeiro reformador da Ordem de S. Bento em Portugal. Na sua viagem à Flandres em 1467, tomou contacto com a obra mais representativa da «Devotio Moderna» e decidiu-se a traduzi-la para a edificação espiritual dos seus monges.

Da Flandres enviou aos monges de Paço de Sousa uma série de cartas e escritos ascéticos, na corrente de Windesheim, juntamente com uma tradução da regra de S. Bento. Entre esses escritos figuram 25 sermões atribuídos a Sto. Agostinho e o primeiro livro da «Imitação de Cristo» traduzido em 1468. Vemos que em Portugal a primeira tradução da «Imitação de Cristo» aparece ainda em vida de Tomás de Kempis. Cf. I. V. CEPEDA, *A linguagem da «Imitação de Cristo»*. Versão portuguesa de Frei João Álvares, Lisboa, Publicações de Estudos Filológicos, 1962, 3-5.

¹⁵ A palavra «humildade» aparece num total de 256 vezes em toda a obra (43 vezes no primeiro livro, 35 no segundo, 163 no terceiro e 15 no livro quarto). Cf. DEBONGNIE, *Les thèmes de l'Imitation*, 343.

dade procura apoiar-se em Cristo e tudo pode naquele que o conforta, sabe que por isso mesmo não vale nada e entrega-se confiado em Deus.

Uma atitude humilde conduz à consolação de Deus que consola ao humilde. A palavra «consolação» expressa a mensagem central da «Imitação de Cristo». Expressa melhor que «palavra interior» ou «verdade interior» o sentido da relação pessoal, do contacto experiencial e do diálogo íntimo do homem com Deus. Por isso no terceiro e quarto livros a graça de Deus leva o nome de consolação. Isto não quer dizer que o autor ignore as provas, as sequedades e as desolações. Ele expressa com vigor a passagem da consolação à desolação e vice-versa¹⁶. Precisamente será o objectivo do seguinte capítulo descrever a experiência do discernimento que o autor faz pela observação dos tempos de consolação e desolação na procura do verdadeiro amor, íntimo e forte com Deus.

2. DISCERNIMENTO PELA CONSIDERAÇÃO DOS TEMPOS DE CONSOLAÇÃO E DESOLAÇÃO

Todos os autores espirituais abordam a questão de consolação e da desolação na vida espiritual. Apesar de não haver conformidade e unanimidade nos termos empregados, o certo é que o fenómeno da consolação/desolação não cessa de chamar a atenção de cada um deles.

No livro da «Imitação de Cristo»¹⁷ a observação dos tempos de consolação e desolação encontra-se em primeiro plano¹⁸. Ao longo de toda a obra, com especial incidência

¹⁶ Cf. JIMÉNEZ DUQUE, *Historia de la Espiritualidad*, I, 808.

¹⁷ Consideramos o livro pela ordem que ele se apresenta ao leitor independentemente da problemática que existe nos nossos dias à sua volta.

É oferecido como um livro que tendo optado pela via de interiorização da vida cristã, está escrito em vista da prática e da experiência. Tanto a prática como a experiência são concebidas como uma subida progressiva para a união com Deus. Cf. SPAAPEN, *Imitation de Jésus-Christ*, 2367.

¹⁸ A palavra «consolação» é utilizada 138 vezes ao longo de toda a obra (10 vezes no primeiro livro, 38 no segundo, 75 no terceiro e 19 vezes no quarto livro); a palavra «desolação» é utilizada num total de 63 vezes (5 no primeiro livro, 5 no segundo, 31 no terceiro e 22 vezes no quarto livro).

no terceiro livro, «De Interna Consolatione», encontramos abundantes referências a esse respeito¹⁹.

Ao longo de toda a obra o autor, revela e demonstra um profundo conhecimento dos homens, das suas contradições e debilidades, assim como também os impulsos mais secretos do seu coração. Não se limita a colocar a descoberto as misérias humanas mas também indica o remédio para as diversas situações porque de duas maneiras costuma Deus visitar os seus escolhidos: com tentação e com alívio, isto é, com desolação e consolação. Daqui resulta que são duas as lições que Deus lhes manda cada dia: uma repreendendo os seus vícios e outra exortando a prosseguir nas virtudes cada vez com maior perfeição²⁰. Surge assim a necessidade de considerar os diversos tempos de consolação e desolação para descobrir a vontade de Deus e o que mais lhe agrada.

2.1. Consolação

No decorrer da sua vida e na sua caminhada de fé, o homem vai sentindo moções interiores que umas vezes o deixam contente e outras vezes o deixam triste. Da consideração destas moções que provocam os diferentes estados de consolação e desolação é chamado a realizar também um discernimento e a perscrutar qual a sua origem porque estas moções podem ter diferentes origens. Estas diferentes origens podem ser as seguintes: o espírito humano, o bom espírito ou o mau espírito. Isto mesmo diz o autor quando afirma:

¹⁹ No livro terceiro podemos distinguir três movimentos: 1) Deus fala à alma em 22 capítulos: VI, VII, IX, XI, XIII, XXIV, XXV, XXVIII, XXX, XXXIII, XXXV, XXXVI, XXXVII, XXXVIII, XLII, XLIII, XLVII, XLI, LI, LIII, LVIII. 2) A alma dirige-se a Deus em 18 capítulos que são os seguintes: II, VIII, X, XIV, XVI, XX, XXII, XXIX, XXXI, XXXIV, XL, XLV, XLVIII, L, LII, LV, LIX. 3) A alma fala consigo mesma em 19 capítulos: I, III, IV, XII, XV, XVII, XIX, XXI, XXIII, XXVII, XXXII, XXXIX, XLI, XLVI, LVI, LVII. Estes são os chamados capítulos mistos porque em alguns há só uma voz, em contrapartida, noutros há uma conversação de duas vozes. Cf. DEBONGNIE, *Les thèmes de l'Imitation*, 318.

²⁰ Cf. III, III,5.

«Nem todo o desejo procede do Espírito Santo ainda que pareça justo e bom ao homem.

E difícil discernir claramente se te move o bom ou o mau espírito a desejar isto ou aquilo, ou se te move o teu próprio espírito»²¹.

O homem, neste processo de perscrutar o seu interior, vai adquirindo um certo discernimento que lhe fará sentir interiormente se está no caminho de Deus ou não, se faz o que mais lhe agrada ou não, pelos resultados em que o deixam as diversas moções que vai experimentando no seu interior. Este caminho da interioridade em que o homem trata de perscrutar, dentro de si mesmo, a vontade de Deus exige uma purificação cada vez maior e um cortar com tudo o que impeça esse caminho. Nele aprende a ter aversão a tudo que é exterior, banal e ilusório. Mas isto não é fácil e por isso

²¹ III, XV,1.

Apesar de o mesmo nome de discernimento de espíritos supôr claramente multiplicidade e dos autores não estarem de acordo quando ao seu número (S. Bernardo cita cinco espíritos: divino, angélico, diabólico, carnal e mundano), os espíritos podem ser reduzidos fundamentalmente a três: divino, diabólico e humano.

O *espírito divino* é uma moção interna que sempre inclina à verdade e aparta do falso, impulsiona ao bem e afasta do mal. Deus impulsiona à acção movendo a vontade e iluminando a inteligência. Esta actuação de Deus pode ser directa ou através das causas segundas, pode permanecer dentro da economia da graça ou intervindo de modo extraordinário com graças particulares.

O *espírito diabólico* é um impulso ou um movimento interno que conduz sempre ao mal e à falsidade distanciando do bem. Pode exercer o seu influxo na inteligência e na vontade. Tem como aliados os espíritos da carne e do mundo que respectivamente inclinam aos deleites dos sentidos e à ambição. Tem um comportamento astuto fingindo mover ao bem. Depois substitui o bem por algo menos bem e assim sucessivamente até terminar no vício.

O *espírito humano* é uma inclinação da natureza humana, corrompida pelo pecado original, a tudo aquilo que é conforme com as vantagens do corpo. Pode-se também definir, numa visão menos pessimista da natureza humana, como o impulso a fazer o que provém da mesma pessoa. Este impulso da natureza humana é bom se tem origem na luz natural da recta razão e é mau se deriva da natureza viciada pelo pecado original. Cf. A. CAPPELLETTI, *Discernimiento de espíritos*, in *Diccionario de Espiritualidad*, I, Barcelona, 1983, 628-632.

procura e deseja, muitas vezes, consolações nas coisas e nos seres humanos. Daí que quando surge a mais pequena adversidade aparece também o desalento com a consequente procura das consolações humanas. Isto acontece porque o homem é escravo das suas inclinações e desejos, ocupa-se muito das suas paixões e tem demasiado cuidado com tudo aquilo que é transitório.

As consolações que o homem procura no exterior (segundo o autor estas são vãs e sem fruto) são em detrimento da interior e divina porque nas consolações exteriores procura-se a si mesmo, detendo-se a falar e a pensar daquilo que ama ou daquilo que sente e que lhe é adverso. Por isso diz o autor: «quando o homem começa a entibiar-se teme o trabalho, por mais pequeno que seja, e recebe com gosto toda a consolação exterior»²². Mas se souber desprezar estas mesmas consolações exteriores poderá contemplar as coisas divinas e gozar, muitas vezes, a alegria interior do espírito²³. Por isso «é muito seguro que o homem não tenha nesta vida muitas consolações, principalmente das que são segundo a carne»²⁴. Daí que o homem deve ter de tal maneira a sua única firmeza em Deus que não lhe seja necessário procurar muitas consolações humanas já que estas devem ser consideradas vãs e sem proveito algum e também porque a graça de Deus não admite mistura de coisas estranhas nem consolações exteriores²⁵.

O homem fraco e imperfeito no amor tem necessidade de ser fortalecido e consolado por Deus. Por isso a consolação de Deus é para o livrar das paixões e curar o seu coração de todos os afectos desordenados. Assim bem purgado no seu interior deve estar apto para amar a Deus, forte para sofrer e firme para perseverar²⁶. Daí o seguinte conselho dado pelo autor:

«Se queres verdadeiras delícias e receber de Mim abundante consolação, conserva-te no desprezo de

²² II, IV,3.

²³ Cf. II, I,8.

²⁴ I, XXI,3.

²⁵ Cf. III, LIII,1.

²⁶ Cf. III, V,2.

todas as coisas do mundo e na aversão a todos os deleites da terra, para seres abençoado e receberes copiosa consolação.

Quanto mais te afastares de toda a consolação das criaturas tanto mais suaves e eficazes consolações encontrarás em Mim»²⁷.

Para que o homem possa experimentar a consolação de Deus é necessário que prepare o seu interior convertendo-se a Ele de todo o coração desprezando as coisas exteriores e entregando-se às interiores. Esta mesma consolação é um dom de Deus para a emenda de vida, para o louvor, honra e glória de Deus²⁸.

As consolações divinas são as únicas que permanecem e as únicas que, de verdade, dão a verdadeira paz ao homem. Excedem todos os prazeres do mundo e todos os deleites da carne.

«Na verdade as consolações espirituais excedem todas as delícias do mundo e todos os deleites da carne. Todas as delícias do mundo ou são vãs ou torpes e só as do espírito são suaves e honestas, geradas pelas virtudes e infundidas por Deus nos corações puros»²⁹.

Por outro lado, estas consolações espirituais, como são um dom gratuito de Deus, não podem ser experimentadas e vividas de contínuo porque o tempo da tentação poucas vezes cessa³⁰ e a Deus pertence o consolar perfeitamente quando e quanto quer e a quem quiser como lhe agrade, não havendo nisso mérito algum da parte do homem³¹.

²⁷ III, XII,5.

²⁸ Cf. III, II,3.

O autor diz que o que mais impede esta consolação de Deus é que o homem muito tarde acode à oração. Antes de orar com fervor procura muitas consolações distraíndo-se no exterior. Cf. III, XXX,1. O que distingue as consolações humanas das consolações de Deus é que estas não são ilusórias como as primeiras.

²⁹ II, X,1.

³⁰ Cf. II, X,1 e I, XXI,4.

³¹ Cf. I, XXI,4; III, LII,1-2; III, LIX,3; IV, IV,3; IV, XVI,1.

As consolações devem ser desejadas com moderação porque, segundo o autor, o homem nasceu para o trabalho, e não para o descanso. Por isso deve estar mais inclinado à paciência que à consolação já que na vida poucas vezes cessa a tentação e a prova⁸².

Segundo o autor os santos estiveram frequentemente privados das consolações. Tendo-os como exemplo, o homem deve esperá-las com valor e confiança em Deus. Daí o seguinte conselho:

«Espera no Senhor, trabalha varonilmente e esforça-te (Sl. 26,14); não desconfies, não fujas mas esforça-te, esforça o corpo e a alma para a glória de Deus com grande constância»⁸³.

Também considera vã e breve toda a consolação humana e afirma:

«A verdadeira e ditosa consolação é aquela que a verdade ajuda a perceber interiormente.

O homem devoto em todo o lugar leva consigo ao seu consolador Jesus e diz-lhe: ajudai-me, Senhor, em todo o lugar e tempo.

Seja a minha consolação carecer de boa vontade de toda a consolação humana. E se a vossa consolação me faltar, seja o meu maior consolo a vossa vontade e justa provação»⁸⁴.

Por isso o homem pede a Deus que lhe transforme em amargura tudo o que separa do verdadeiro amor:

«Convertei-me em amargura toda a consolação carnal que me afasta do amor às coisas eternas, lisonjeando-me torpemente com os bens temporais que deleitam.

(...)

Dai-me, em lugar de todas as consolações do mundo, a suavíssima unção do vosso espírito e, em

⁸² Cf. II, X,1.

⁸³ III, XXXV,3.

⁸⁴ III, XVI,2. Cf. também I, XXV,2.

lugar do amor carnal, infundi-me o amor do vosso nome»⁸⁵.

2.1.1. Modo de actuar durante a consolação

Sabendo que nem sempre se poderá manter o estado de consolação, deve o homem preparar-se para a dificuldade e para o tempo da provação. Isto mesmo afirma o autor na seguinte mensagem:

«É mais seguro e mais útil encobrir a graça da devoção e não te exaltar, nem falar muito dela, nem ponderá-la muito, mas antes despreciar-te a ti mesmo e temer porque te foi dada sem tu a mereceres.

Não é bem estar muito apegado a esta afeição porque de repente se pode mudar em outra contrária.

Pensa quando estás em graça quanto miserável e pobre costumás ser sem ela»⁸⁶.

Com a certeza de que toda a consolação é um dom de Deus e de que esta é dada para que não desfaleça de cansaço e de aridez de coração, deve saber prescindir das consolações e suportar para glória de Deus o desamparo de coração porque não é coisa grave desprezar a consolação humana quando se tem a divina. Grande coisa é poder carecer de toda a consolação divina e humana e querer sofrer toda a aridez por honra de Deus, permanecendo numa atitude humilde e confiante e em nenhuma coisa buscar-se a si mesmo, nem olhar ao próprio merecimento⁸⁷.

«O verdadeiro amator de Cristo e estudioso imitador das virtudes não se lança às consolações sensíveis, mas antes deseja passar por grandes provas e sofrer por Cristo duros trabalhos»⁸⁸.

⁸⁵ III, XXVI,3.

⁸⁶ III, VII,1. Cf. também III, VII,4.

⁸⁷ Cf. II, IX,1 e III, XLVII,1.

⁸⁸ II, IX,3.

A consolação favorece o bem e conduz à abertura para Deus. A verdadeira consolação inspira o desprezo e o desgosto pelas coisas da terra que oferecem breves consolações e que, muitas vezes degeneram em enganos e erros. Ela dirige para Deus e torna atraente o chamamento que vem do mesmo Deus. Por isso a alegria e a paz que a consolação proporciona ajudam a mortificar a carne, a vencer as paixões, a renunciar à própria vontade e a suportar as contrariedades da vida reconhecendo, com humildade, que tudo é puro dom gratuito de Deus que tanto pode dar como tirar sem que haja merecimento algum da parte do homem.

Durante o tempo de consolação, o homem deve prever a conduta que terá que observar quando chegarem os tempos de desolação. É necessário saber reconhecer os benefícios que Deus dá e concede durante a consolação para que possa recordar-se deles nos tempos de desolação.

2.2. Desolação

O homem, neste contínuo processo de interiorização espiritual, vai purificando as suas faculdades tanto através da experiência de consolação como da experiência de desolação.

Na experiência de desolação deve haver grande confiança em Deus permanecendo numa atitude de humildade porque mais agrada a Deus a humildade e a paciência da adversidade que a muita consolação e devoção na prosperidade. Isto mesmo afirma o autor:

«O fervoroso religioso aceita tudo o que lhe mandam e o leva bem. O negligente e tibio tem tribulação sobre tribulação e de todas as partes padece angústia porque carece da consolação interior e não lhe deixam procurar a exterior.

(...)

Aquele que procura viver à larga e descuidado sempre estará em angústias porque por qualquer coisa se descontentará»³⁹.

As desolações fazem parte da pedagogia divina para que o homem não se levante com soberba nem procure, com

³⁹ I, XXV,7.

ansiedade, as consolações exteriores. Daí que apesar de Deus prometer a consolação nunca haverá, nesta vida, satisfação completa para que assim não haja, da parte do homem, um encerramento ao dinamismo do amor de Deus, que derrama a sua consolação mais do que o habitual àquele que confia e se dirige a Ele com devoção e confiança⁴⁰.

Podemos dizer que a desolação é o caminho que conduz ao reino dos céus porque, durante o tempo que esta persiste, o homem experimenta na própria carne as suas limitações e debilidades e, ao mesmo tempo, reconhecendo-se nada, tudo espera de Deus com uma atitude de confiança total, na certeza de que Deus nunca desempara aqueles que nele confiam. Isto mesmo que acabamos de dizer é mais elucidativo com o texto seguinte:

«Não te tenhas por desamparado de todo ainda que, de tempos a tempos, te mande alguma tribulação ou te prive da consolação desejada porque deste modo se chega ao reino dos céus.

Sem dúvida te convém mais a ti e a todos os meus servos o ser exercitados nas adversidades que em tudo sucedesse a vosso gosto. Eu conheço os pensamentos escondidos e sei que convém muito mais para teu bem que algumas vezes te deixe desolado para que não adquiras soberba com os bons êxitos nem tenhas complacência em ti mesmo pelo que não és»⁴¹.

Deste texto se deduz ser conveniente que o homem, em algumas vezes ou ocasiões, não tenha a suavidade interior e assim reconheça a sua indigência e tenha total confiança em Deus e não nas criaturas porque só Deus mesmo pode mudar toda a pena e desconsolação em gozo e alegria⁴².

O permanecer ou sair do estado de desolação não depende da vontade do homem porque o Espírito vai e vem segundo o beneplácito da sua vontade⁴³.

⁴⁰ Cf. III, LVII,2 e III, XLVII,1.

⁴¹ III, XXX,4.

⁴² Cf. III, XXX,5.

⁴³ Cf. II, IX,5.

Além disso todos os justos, ao longo da sua vida, são visitados pela desolação com a conseqüente diminuição do fervor. Isto mesmo diz o autor quando afirma:

«Nenhum santo foi tão altamente arrebatado e iluminado que antes ou depois não tenha sido tentado. Pois não é digno da alta contemplação de Deus aquele que não é exercitado com alguma tribulação. Porque costuma ser a tentação precedente sinal de que virá a consolação»⁴⁴.

A todos aqueles que são provados na tentação é prometida também a consolação de Deus, isto é, os tempos de desolação têm as suas vantagens porque quando tudo parece perdido é, com frequência, o tempo de adquirir maiores méritos. Isto mesmo expressa o seguinte conselho dado pelo Senhor ao servo:

«Crê em mim e tem confiança na minha misericórdia. Quando pensas que estás longe de mim estou eu mais perto de ti.

Quando te parece que tudo está quase perdido é quando, muitas vezes, se te oferece o ensejo de adquirir maiores merecimentos.

Nem tudo está perdido quando te acontece algum contratempo.

Não debes julgar pelas impressões do momento, nem debes afligir-te com qualquer contrariedade, venha ela de onde vier, nem desanimes como se não houvesse esperança de remédio»⁴⁵.

2.2.1. Modo de actuar durante a desolação

Partindo do princípio de que agrada mais a Deus a humildade e a paciência na adversidade que o muito consolo na prosperidade, o homem, durante o estado de desolação, não deve desesperar mas deve manter a confiança em Deus. Só a Deus pertence o consolar quando quer e quanto quer,

⁴⁴ II, IX,7.

⁴⁵ III, XXX,3. Cf. também III, VII,3.

a quem quer e como quiser, segundo mais lhe agrade⁴⁶. Só o amor gratuito de Deus pode consolar o desterro do homem e mitigar a dor, pois o que este mundo oferece como consolação é experimentado como uma carga pesada⁴⁷. Por isso, o homem, partindo desta total confiança, deve bendizer a Deus em tudo quanto lhe aconteça reconhecendo que tudo é um fruto do seu amor gratuito e da sua generosidade sem limite.

Aquele que confia em Deus e o procura na simplicidade de coração não cai facilmente. Se cair em alguma tribulação depressa será livrado e consolado porque Deus não desampara os que nele esperam e confiam, mesmo nas maiores desolações que lhe envia⁴⁸.

O autor considera uma grande graça de Deus o poder sofrer e ser humilhado por amor de Cristo. Este verdadeiro sofrimento por Cristo purifica o coração de toda a soberba e presunção tornando e fazendo o homem mais humilde nas suas relações com Deus e, ao mesmo tempo, menos confiante nas suas próprias forças desconfiando e suspeitando também de todos os desejos da sua vontade que tendem para o sensível e para o mundano. Por isso mesmo diz o autor:

«Esta é a graça que fazeis ao vosso amigo; que padeça e seja atribulado, neste mundo quantas vezes o permitais Vós e por qualquer homem que seja.

Nenhuma coisa se faz na terra sem o Vosso conselho providencial e sem alguma causa. .

(...)

Proveitoso é para mim que a confusão tenha coberto o meu rosto para que assim procure a consolação em Vós e não nos homens»⁴⁹.

Ao mesmo tempo que o homem considera uma grande graça o ser atribulado por amor de Jesus Cristo, reconhece-se

⁴⁶ Cf. III, V,2.

⁴⁷ Cf. III, XLVIII,4.

⁴⁸ Cf. III, XLV,2.

⁴⁹ III, L,4.

indigno da mais pequena consolação. Por isso diz expressamente o autor:

«Senhor, não sou digno da vossa consolação, nem de visita espiritual alguma e por isso justamente o fazeis comigo quando me deixais pobre e desconsolado. Porque ainda que eu pudesse derramar um mar de lágrimas ainda assim não mereceria a vossa consolação.

(...)

Assim, se bem me examino, não sou digno da menor consolação»⁵⁰.

Os períodos de desolação, pelos seus efeitos, contrastam com os períodos de consolação. A desolação constitui uma espécie de prova difícil em que se pode asfixiar o homem se este se deixa conduzir e arrastar pelas moções interiores que esta desencadeia.

Durante o tempo que dura a desolação os pensamentos espirituais pendem a sua consistência inclinando-se ao temporal de modo que a visão se detém nas pessoas e nas coisas mundanas. Daqui surge uma inclinação interior que procura e se apoia unicamente nas seguranças materiais e nos meios humanos.

Como se dizia mais acima, a desolação espiritual é uma prova; demonstra até onde pode chegar o amor do homem a Deus quando não tem o apoio que trazem e proporcionam o fervor e a alegria, isto é quando não tem a experiência do amor e da presença desbordante de Deus.

Os períodos de desolação fazem parte da pedagogia divina porque neles o homem descobre que a consolação não depende de si nem está nas suas mãos e, ao mesmo tempo, permitem também compreender com mais nitidez até que ponto os períodos de consolação são verdadeiros tempos de graça que Deus gratuitamente concede ao homem. Deste modo os períodos de desolação ajudam a descobrir com maior intensidade a presença e a vontade do Mistério divino no interior e no coração do homem.

⁵⁰ III, LII,1. Cf. também III, L,4.

2.3. Alternância consolação desolação

Neste processo interior de purificação pela observação dos tempos de consolação e desolação, o homem é chamado a discernir as diversas moções que experimenta no seu interior e que umas vezes o deixam contente e outras vezes o deixam triste, perturbado e confuso. Muitas vezes os seus desejos impelem-no com veemência, por isso é chamado a considerar se se move por Deus ou para proveito pessoal, se procura a vontade de Deus ou se em tudo se busca e procura a si mesmo. Se é movido pela graça de Deus ficará contente de qualquer modo que Ele o ordene, mas se ocultamente se busca e procura a si mesmo em algo experimentará uma alegria passageira e breve que trará consigo inevitavelmente, de seguida, a aflicção e uma grande perturbação⁵¹.

Sabendo que não há consolação completa nesta vida, nem que criatura alguma pode dar descanso senão Deus que dá a divina consolação para que o homem seja mais forte nas adversidades e não se enalteça a si próprio do bem que não possui⁵², o mesmo homem, em tudo deve louvar a Deus, quer nos momentos de consolação quer nos momentos de desolação.

O autor, ao longo de toda a obra, demonstra ser um grande conhecedor destas alternâncias de consolação e desolação que se produzem no espírito do homem e que afectam e condicionam toda a sua conduta. Daí que diga:

«O constante amador de Deus está forte nas tentações e não acredita nas astúcias enganosas do inimigo. Assim como Deus lhe agrada na prosperidade, assim também não lhe desagrada na adversidade»⁵³.

Para o progresso interior, neste processo de libertação de todo o afecto desordenado pelo domínio de si mesmo, mais aproveita, muitas vezes, a ausência de luz, do que se logo tivesse, sem a menor dificuldade, tudo aquilo que a vontade

⁵¹ Cf. III XI,3.

⁵² Cf. II, IX,8; III XXX,4; III, L,5; IV, III,2; IV, XI,3.

⁵³ III, VI,2. Cf. também III, XVII,2.

desordenada nos seus apetites deseja. Porque, como diz o autor:

«não se hão-de avaliar os merecimentos por ter muitas visões e consolações ou por ser entendido nas Escrituras e estar elevado a uma dignidade superior; mas por estar fundado na humildade e cheio de caridade divina, por procurar sempre pura e inteiramente a honra de Deus; por se ter por nada, desprezando-se e desejando verdadeiramente ser mais abatido e desprezado do que honrado pelos outros»⁵⁴.

Neste processo de purificação interior, quando o homem chega ao ponto de não buscar ou procurar consolação em nenhuma criatura, é então quando começa a gostar verdadeira e perfeitamente de Deus, é quando está contente com tudo o que lhe suceda, não se alegra no muito nem se entristece pelo pouco, mas coloca-se inteira e fielmente nas mãos de Deus que é tudo em todas as coisas. Por isso, o homem quando é e se experimenta a si mesmo consolado por Deus, deve dar graças a Deus durante os tempos de consolação. Isto mesmo diz o autor:

«Quando Deus te comunicar a consolação espiritual recebe-a com acção de graças, mas entende que é um dom de Deus e não merecimento teu.

Não queiras exaltar-te, nem alegrar-te demasiado, nem presumir vanamente, mas humilha-te mais pelo dom recebido e sê mais cauteloso e temeroso e todas as tuas obras porque passará aquela hora e virá a tentação»⁵⁵.

Se durante o tempo de consolação, o homem deve dar graças a Deus, durante o tempo de desolação não deve desanimar porque a todos aqueles que são provados com tentações também lhes é prometida a consolação celestial. É mais agradável a Deus a humildade e a paciência na adversidade que a muita consolação na prosperidade. Por isso mesmo aconselha o autor:

«Quando te for tirada a consolação não desespere logo de seguida mas com humildade e paciência

⁵⁴ III, VII,5.

⁵⁵ II, IX,4.

aguarda a visita celestial porque poderoso é Deus para te dar maior graça e consolação que o habitual»⁵⁶.

2.3.1. Sentimentos experimentados nestas alternâncias

Durante os tempos de consolação do interior do homem brotam cantos de alegria. Por isso diz o autor que se Deus lhe conceder paz, se derramar sobre ele um santo gozo, estará a sua alma cheia de alegria e devota nos louvores divinos⁵⁷.

Em contrapartida, durante os tempos de desolação geme e se humilha como expressamente diz o autor:

«Mas se vos apartais, como muitas vezes fazeis, não poderá percorrer o caminho dos vossos mandamentos, e só dobrará os seus joelhos para bater no peito porque não lhe vai como nos dias passados, quando resplandecia a vossa luz sobre a sua cabeça que era defendida das tentações que o combatiam debaixo da sombra das Vossas asas»⁵⁸.

Por isso o melhor meio de combater a desolação é a paciência e a negação de si mesmo na vontade de Deus que tudo ordena e orienta para o bem do homem⁵⁹, com a certeza de que mais agrada a atitude de paciência e humildade nos tempos de prosperidade. Deus consola muito mais aqueles que nele confiam verdadeiramente e o invocam com devoção⁶⁰.

O homem através das experiências alternantes de consolação e desolação pode ir determinando o seu progresso espiritual e o seu crescimento em liberdade interior numa disponibilidade cada vez maior para Deus.

⁵⁶ *Ibidem.*

⁵⁷ Cf. III, L,2.

⁵⁸ III, L,2.

⁵⁹ Cf. II, IX,6 e III, XXIII,5.

⁶⁰ Cf. III, LVII,1-2.

Podemos concluir este capítulo dizendo que a consolação é o estado contrário da desolação. Uma e outra aclaram-se pela posição dos efeitos que provocam no interior do homem.

A consolação conduz o homem a abrir-se a Deus enquanto que a desolação é uma caída na terra, desaparecendo o impulso e o fervor da entrega com o conseqüente aparecimento do desânimo e da perturbação. Todos os sinais da consolação se invertem: em lugar da paz aparece a perturbação e em lugar da alegria surge a tristeza.

As consolações apresentam vantagens pois facilitam o conhecimento de Deus que com elas ajuda a adquirir hábitos de recolhimento, de oração e de obediência. Por outro lado também oferecem os seus inconvenientes podendo dar origem a uma certa gula espiritual pela qual o homem se aficciona mais às consolações de Deus que ao Deus das consolações.

As consolações podem fomentar a soberba, a vã complacência em si mesmo e a presunção. Por isso diz o autor da «Imitação de Cristo» que as consolações devem desejar-se com moderação e, porque são um dom verdadeiramente gratuito de Deus, devem ser recebidas com generosidade e uma profunda humildade.

A desolação é aquele estado em que o homem se encontra privado das consolações humanas e das consolações espirituais que favorecem a oração e a prática do bem sentindo-se abandonado de Deus.

Pela experiência de desolação, o homem compreende que os dons e as graças divinas recebidas são um dom gratuito de Deus e que ele nada merece por si mesmo já que não pode sentir, abandonado a si próprio, nem amor nem qualquer outra consolação espiritual. Por isso a desolação faz parte da pedagogia divina que abandona o homem para provar a sua fidelidade e para o purificar de uma maneira mais intensa e mais rápida.

Com a desolação Deus humilha a soberba do homem que tem uma espécie de tendência a atribuir às suas próprias forças o que é unicamente graça de Deus. Só quando fica interiormente vazio e nada pode fazer para sair do estado de desolação em que se encontra, é então quando verdadeiramente chega a compreender a sua pequenez e a fazer a verdadeira experiência da sua própria debilidade.

3. AS INCLINAÇÕES DO HOMEM SEGUNDO A CARNE E SEGUNDO O ESPÍRITO.

A outra linha de discernimento que aparece na «Imitação de Cristo» é a consideração das inclinações do homem segundo a carne e segundo o Espírito.

No capítulo 5 do livro III que leva como título «De corruptione naturae et efficacia gratiae divinae», o autor⁶¹, distingue, na natureza decaída, a lei do pecado e a lei do Espírito⁶². A lei do pecado opõe-se à lei do Espírito, isto é, o que de por si apetece à natureza é aquilo a que se sente inclinado o homem movido por Deus.

A lei do Espírito foi colocada em nós por Deus quando Ele nos criou à sua imagem e semelhança e a segunda, isto é, a lei do pecado, aparece em nós devido ao pecado original e ela é a origem dos maus movimentos e das decisões culpáveis. Isto mesmo diz o autor quando afirma:

É necessária a vossa graça e grande graça para vencer a natureza inclinada sempre ao mal desde a juventude.

Porque viciada pelo primeiro homem, Adão, e corrompida pelo pecado, transfunde-se em todos os homens a pena desta mancha; de sorte que a mesma natureza, que foi criada por Vós boa e recta, agora se inclina ao vício e à corrupção, e assim o mesmo movimento que lhe ficou a leva ao mal e às coisas baixas»⁶³.

A lei do pecado não vicia totalmente a natureza mas os seus próprios movimentos são de tal maneira poderosos que

⁶¹ Como já se disse em outras partes, neste estudo sobre o discernimento no livro da «Imitação de Cristo», prescindimos da polémica sobre a autoria do mesmo livro. Cf. nota 17 do capítulo I e nota 1 do capítulo II.

⁶² Aqui encontramos-nos com o discernimento paulino da lei do pecado e da lei da graça, da lei da carne e da lei do espírito. S. Paulo, na epístola aos Romanos, diz explicitamente: «Deleito-me na lei de Deus no íntimo do meu ser. Sinto, porém, nos meus membros outra lei que luta contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado que está nos meus membros» (Rom. 7,22-23).

⁶³ III, LV,2.

só a conduzam ao mal porque a mesma natureza, abandonada a ela própria, só se inclina às coisas terrenas. No entanto, a razão natural que o autor identifica com a pouca força que ficou no homem, uma centelha escondida na cinza, depois do pecado original é capaz, apesar de tudo, de discernir o bem do mal, o verdadeiro do falso, ainda que não tenha força suficiente para o realizar na prática. Isto quer dizer que a razão natural, abandonada a ela mesma e cercada de grandes trevas, é capaz de realizar um certo discernimento natural que teoricamente lhe faz ver, em certa medida, o bem e o mal e desejar o bem, mas praticamente não tem força para sair do mal⁶⁴ porque, como diz o autor, «não tem força para cumprir tudo o que lhe parece bom, nem goza já da plena luz da verdade, nem da pureza das suas afeições»⁶⁵.

Este discernimento natural que a razão é capaz de realizar está, por uma parte, rodeado de grandes trevas e, por outra parte, de impossibilidade porque apesar de sentir a vontade de fazer o bem não encontra maneira de o cumprir⁶⁶. Daí a absoluta necessidade que o autor sente da graça de Deus:

Oh, Senhor, quanto necessária me é a Vossa graça para começar o bem, para o prosseguir e perfeccionar.

Porque sem ela nenhuma coisa posso fazer, mas em Vós tudo posso, confortado com a Vossa graça (...) sem a qual nem têm preço os próprios merecimentos, nem são estimáveis os dons da natureza»⁶⁷.

Assim a graça é necessária para provocar a saída do mal e conduzir à prática do bem. Por isso a graça tem um duplo efeito: suscitar, no homem, os movimentos do bem e dar ao espírito humano a luz que discernirá entre os movimentos da

⁶⁴ Cf. A. CHOLLET, *Discernement des esprits*, in *Dictionnaire de Theologie Catholique*, IV/2, Paris, 1940, 1386.

⁶⁵ III, LV,2.

⁶⁶ Cf. III, LV,3. Aqui o autor da «Imitação de Cristo» segue quase literalmente a S. Paulo.

⁶⁷ III, LV,4.

natureza que obedecem à lei do pecado e os movimentos da graça que revelam e sobrenaturalizam a lei do espírito⁶⁸.

Por outro lado há também o discernimento sobrenatural que exige uma persistente e contínua atenção porque os movimentos da natureza e da graça são subtis e extremamente contraditórios que dificilmente são bem conhecidos, a não ser por pessoas espirituais e iluminadas no seu interior. Por isso mesmo diz o autor:

«Filho, considera com diligência os movimentos da natureza e da graça, porque são muito contrários e subtis, de modo que com dificuldade são conhecidos, a não ser por um homem espiritual e interiormente iluminado»⁶⁹.

O que aumenta a dificuldade deste discernimento é que «todos os homens desejam o bem e alguma coisa de bom intentam nas suas palavras e obras, por isso, muitas vezes, se enganam com a aparência do bem»⁷⁰.

Logo, no termo de todos os movimentos humanos que provêm da natureza ou da graça há um bem que pode ser real ou aparente. Por isso o papel do discernimento será de distinguir entre os bens que a vontade escolhe e persegue, podendo estes ser verdadeiros ou falsos.

Depois de vermos que há um discernimento natural e um discernimento sobrenatural e que este é difícil e necessário, o autor da «Imitação de Cristo» apresenta-nos o princípio do discernimento sobrenatural seguido das regras.

O princípio do discernimento tem a sua origem na constatação quotidiana de que há uma profunda oposição entre os fins a que tende a natureza e os fins a que tende a graça. A natureza procura-se a si mesma e nunca age ou actua desinteressadamente. Isto mesmo afirma o autor: «a natureza é astuta, atrai muitos a si, enreda e engana a muitos sempre com o fim colocado em si mesma»⁷¹. Em contrapartida,

⁶⁸ Cf. CHOLLET, *Discernement des esprits*, 1386.

⁶⁹ III, LIV,1.

⁷⁰ *Ibidem*.

⁷¹ III, LIV,2.

a graça age com sinceridade e não se ocupa de si mesma, isto é, «a graça anda sem duplicidade, desvia-se de toda a aparência de mal, não pretende enganar mas faz todas as coisas por Deus em quem descansa, como em seu fim»⁷².

A natureza dirige tudo para si e o seu interesse e actuação são realizados única e egoisticamente em função de si mesma. Em oposição, a graça refere tudo a Deus e não se atribui a si mesma nenhum bem⁷³.

Do princípio de discernimento, acima mencionado, facilmente derivam e se deduzem as regras do discernimento que podem ser agrupadas em duas séries lógicas. Assim, na primeira série de regras, os movimentos da natureza separam-se de tudo aquilo que não tem a mesma natureza como fim. Por outro lado, na segunda série, a natureza, nos seus movimentos, segue tudo aquilo que conduz a si mesma como fim pessoal e egoísta. Em oposição, a graça revela-se em tudo aquilo que orienta os movimentos do homem para Deus.

3.1. As regras da primeira série

Partindo deste pressuposto temos as seguintes regras para a primeira série:

1) A natureza tem horror a tudo aquilo que conduza e tenda a diminuir o seu egoísmo. Daí que a natureza não possa suportar aquilo que é inimigo do seu eu hipertrofiado. Por isso diz o autor:

«A natureza não quer ser mortificada de boa vontade, nem ser constringida, nem vencida, nem submetida de boa vontade. Mas a graça aplica-se à própria mortificação, resiste à sensualidade, procura sujeitar-se, deseja ser vencida, não quer usar da sua liberdade, gosta de viver sob disciplina e não ambiciona dominar a ninguém, antes deseja viver

⁷² *Ibidem.*

⁷³ Cf. III, LIV,16.

e estar sempre sob a dependência de Deus; e por Deus está disposta a obedecer a qualquer criatura humana»⁷⁴.

2) A natureza, em segundo lugar, tem horror a tudo o que a ameaça de desconsideração e de tudo aquilo que não a rodeia de honra e atenção, isto é, a natureza teme a confusão e o não ser considerada em tudo⁷⁵. Pelo contrário, «a graça alegra-se de padecer 'ultrajes pelo nome de Jesus' (Act. 5.41)»⁷⁶.

3) Em terceiro lugar a natureza e a graça estão em desacordo quanto ao trabalho e quanto às privações pelo objecto. A natureza, por seu lado, ama a ociosidade e o repouso corporal queixando-se logo do mínimo trabalho e das mais pequenas privações. A graça, em contrapartida, não pode estar ociosa e, por isso mesmo, entrega-se com gosto ao trabalho suportando com perseverança a sua própria indigência nas privações⁷⁷.

3.2. As regras da segunda série

As regras da segunda série apoiam-se sobre os desejos ou tendências da natureza e da graça, isto é, as regras da segunda série têm como objectivo os diversos movimentos da natureza e da graça⁷⁸.

⁷⁴ III, LIV,3.

⁷⁵ Cf. III, LIV,6.

⁷⁶ III, LIV,6.

⁷⁷ Cf. III, LIV,7.15.

⁷⁸ Este discernimento entre os movimentos da natureza e os movimentos da graça é difícil de fazer porque, como se adverte no início do capítulo LIV, os movimentos da natureza e os movimentos da graça são contrários e subtis de modo que com dificuldade são conhecidos (III, LIV,1).

O capítulo LIV é um paralelo entre movimentos opostos em que os primeiros (os da natureza) estão profundamente orientados para a procura de si; os segundos (os da graça) estão orientados para Deus ao qual buscam como seu fim último. Cf. F. VANDENBROUCKE, *Discernement des esprits. Au moyen âge*, in *Dictionnaire de Spiritualité*, III, Paris, 1957, 1261-1262.

Aqueles impulsos que procedem da natureza decaída têm como meta o próprio «eu» e, no seu actuar, são sempre manifestações e exteriorizações do egoísmo. A graça, ao contrário da natureza, tem a Deus como objectivo e meta de todas as suas moções, isto é, a graça tem a Deus por seu fim último. Por isso a graça liberta o homem da tendência egolatra do eu.

Desta diferença de objectivos perseguidos pela natureza e pela graça e dos fins a alcançar pelas mesmas derivam dois movimentos contrários e opostos entre si: os movimentos da natureza e os movimentos da graça.

3.2.1. Os movimentos da natureza

Como já foi dito, a natureza procura tudo aquilo que satisfaz o seu eu egoísta, isto é, o que de por si apetece à natureza. Sendo assim, a natureza para conseguir os seus fins, engana, é astuta, resiste à mortificação e a toda a restrição, resiste à submissão voluntária, trabalha para proveito próprio, é utilitarista, recebe com prazer honra e reverência, ama o ócio e o repouso, tem ambição pelo belo e peculiar, entristece-se com a natureza temporal, gosta mais receber que dar, inclina-se às criaturas e à própria carne, à vaidade e às diversões, ama a consolação exterior, é interesseira e em tudo busca e procura a própria vantagem, compraz-se em seus amigos e conhecidos insignes, vê tudo desde o princípio do próprio interesse e perspectiva, vai constantemente atrás do novo, deseja ser conhecida e ter fama⁷⁹.

3.2.1.1. Características dos movimentos da natureza na vontade

Os movimentos da natureza conduzem a vontade à inquietude, à soberba ou falsa humildade, à desesperação e falsa segurança, a não ser dócil na obediência aos superiores e às segundas intenções no seu actuar, à impaciência nas aflições e a não controlar as paixões desordenadas, à falsa caridade e ao falso zelo. Tudo isto contribui para um maior distancia-

⁷⁹ Cf. III, LIV,2-17.

mento de Cristo e um progressivo desinteresse pelas coisas espirituais.

3.2.1.2. Características dos movimentos da natureza na inteligência

Os movimentos da natureza originam na inteligência falsidade, futilidade, trevas ou falsa luz, indiscricção, soberba e vaidade.

3.2.2. Os movimentos da graça

A graça persegue tudo o que conduz a Deus, isto é, tudo aquilo a que se sente inclinado o homem movido pela graça de Deus. Sendo assim, os movimentos da graça são exactamente os opostos aos movimentos da natureza.

A graça actua com simplicidade e sinceridade, não coloca emboscadas, esforça-se pela própria mortificação, está disposta a submeter-se a todas as criaturas por Deus, procura o trabalho com alegria, coloca as suas delícias nos simples e humildes, não se afeiçoa ao temporal, tem sentido do comunitário, considera mais ditoso o dar que o receber, renuncia às criaturas, foge do mundo e detesta tudo aquilo que pode chamar a atenção sobre si, procura o seu consolo só em Deus, ama incluso aos inimigos, está mais em favor dos pobres que em favor dos ricos, prefere o inocente ao poderoso e alegra-se com o verdadeiro, não dá preferência à sua própria opinião perante a opinião dos outros, não se preocupa com novidades⁸⁰.

Os movimentos da graça ensinam, em definitiva, como diz o autor,

«a recolher os sentidos, a fugir do inútil contentemente e ostentação; a esconder humildemente o que tenha digno de admiração e louvor e a buscar em todas as coisas e em todas as ciências o proveito, louvor e honra de Deus.

Não quer que ela nem as suas coisas sejam louvadas mas que Deus, que tudo dá por pura caridade, seja glorificado em seus dons»⁸¹.

⁸⁰ *Ibidem.*

⁸¹ III, LIV,17.

3.2.2.1. Características dos movimentos da graça na vontade

Os movimentos da graça produzem, na vontade paz, sincera humildade, firme confiança em Deus e temor de si mesmo, docilidade, recta intenção, paciência nas adversidades corporais, morais e espirituais, mortificação voluntária, simplicidade e sinceridade, liberdade de espírito, desejo de imitar a Cristo, desinteresse e caridade humilde.

3.2.2.2. Características dos movimentos da graça na inteligência

Os efeitos dos movimentos da graça na inteligência são: a luz, a docilidade intelectual, a discricção e a humildade.

Podemos concluir este terceiro capítulo dizendo que o autor da «Imitação de Cristo» é um experto em assinalar as características dos diversos movimentos da natureza e da graça.

Os movimentos da natureza estão profundamente orientados para a procura de si mesmo; a natureza procura e compraz-se em tudo aquilo que conduz a ela mesma como o seu fim pessoal e egoísta. Por seu lado, os movimentos da graça estão profundamente orientados para a procura de Deus; a graça revela-se naquilo que orienta os movimentos para Deus de quem tudo procede.

O autor também não ignora que é necessário ter na devida conta e na devida atenção a acção do demónio⁸² que com o seu subtil actuar desencadeia os maus movimentos actuando da seguinte forma:

⁸² O autor da «Imitação de Cristo», segundo Vandenbroucke, vê a acção do demónio sob um ângulo menos místico que a «Nuvem do Não Saber» e menos visionário que Suso.

Na «Imitação de Cristo» uma só passagem faz expressamente alusão à acção do demónio (IIII, VI,4) mas em algumas frases densas, o autor, dá as regras usuais, bem conhecidas depois de séculos: rejeitar energicamente as sugestões do demónio pela oração, humildade, confissão e a confiança em Jesus Cristo. Cf. F. VANDENBROUCKE, *Démon. En Occident*, in *Dictionnaire de Spiritualité*, III, 227.

«Primeiramente se oferece à alma um simples pensamento, depois a importuna imaginação, logo a deleitação e o movimento torpe e, finalmente, o consentimento. Assim, pouco a pouco, entra o maligno inimigo e se apodera de tudo porque se lhe não resistiu no princípio.

Quanto mais tempo alguém se descuidar em lhe resistir, tanto mais ele se tornará poderoso»⁸³.

Por isso a acção do demónio provoca a diminuição das virtudes, da oração, da caridade e da imitação de Cristo.

Apesar de alguns acentos e formulações condicionadas pela sensibilidade da época podemos dizer que as instâncias fundamentais destas regras de discernimento são evangélicas no mais estrito sentido da palavra. Trata-se de libertar o homem de si mesmo para que se abra a Deus e aos outros. Mas só a graça é capaz de levar a termo tal transformação e de possibilitar que o mesmo homem realize o bem até à perfeição⁸⁴.

CONCLUSÃO

A «Devotio Moderna» teve a sua época de esplendor e contribuiu, com o seu alto ideal ascético, para a reforma espiritual de muitas pessoas. Caracteriza-se por um constante chamamento à vida interior, à oração e à reforma pessoal.

De facto a «Devotio Moderna» chamava a atenção para aspectos da vida cristã que anteriormente não tinham sido postos de relevo na espiritualidade ocidental. Assim começa-se a valorizar a decisão individual e fomenta-se uma reacção muito clara contra o intelectualismo da teologia e da espiritualidade. Esta reacção é feita em proveito da afectividade e é também dirigida contra as formas, muitas vezes decadentes, da vida conventual e comunitária.

A «Imitação de Cristo» é o livro mais representativo e o melhor fruto que nos deixou a «Devotio Moderna». Desde

⁸³ I XIII,5.

⁸⁴ Cf. III, LV,2 e 4.

o seu aparecimento, este misterioso livro tornou-se contemporâneo de todos os séculos e ajudou a encaminhar para Cristo a muitas gerações de cristãos, animando-as a aceitar a cruz e a escutar a palavra de Deus.

Na nossa mentalidade de hoje em que tanto se valoriza a dimensão comunitária em todos os campos da vida humana, a «Imitação de Cristo» soa como algo dissonante com a mentalidade contemporânea ao insistir tanto no privado, no subjectivo e no individual. Esta será a sua limitação mais importante e por isso se compreende que não aborde questões tão importantes na vida do cristão como são: a comunidade, o apostolado e o significado da Igreja.

O que separa o cristão de hoje da «Imitação de Cristo» não são as virtudes que esta recomenda (simplicidade, humildade, aceitação das provas e da cruz) nem certas dimensões da vida cristã (chamamento à intimidade com Cristo no amor e sobretudo na comunhão eucarística) que como tais formam parte da bagagem cristã de todos os tempos e de todos ambientes, mas sim uma visão excessivamente privada da Igreja.

A concepção de Igreja que apresenta a «Imitação de Cristo» estaria constituída por «espirituais» cuja tarefa essencial seria unicamente a procura contemplativa de Cristo fugindo do mundo e de tudo o que esta fuga implica. Actualmente temos uma concepção mais missionária e pastoral da Igreja. A tarefa de todos os seus membros é de que esta mesma Igreja seja «luz das nações» e «esperança e alegria para o mundo» como é definida nos documentos do Vaticano II: *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes* respectivamente.

Dizíamos na introdução que um livro que pretende ser um programa de espiritualidade se avalia fundamentalmente pelo que nos diz sobre o discernimento. Por isso o mais importante não é que o autor o recomende mas sim os critérios que coloca para orientar na procura da vontade de Deus. De facto a «Imitação de Cristo» é um processo de inte-

⁸⁵ Cf. F. VANDENBROUCKE, «Por que no se lee ya la «Imitación de Cristo»?», in *Concilium* 69 (1971) 427.

riorização pessoal que capacita o homem para descobrir por si mesmo o que mais agrada a Deus.

Neste processo de interiorização pessoal é eloquente o recurso constante à própria consciência⁸⁶, o convite a descobrir por si mesmo qual é a vontade de Deus⁸⁷, a escutar interiormente a sua voz em contraste com os que se deixam influenciar pelas palavras humanas⁸⁸ e é eloquente também a insistência em tudo o que ajude a encher de fervor a afectividade⁸⁹. Esta insistência em tudo o que conduz à interioridade é o que leva o autor a não ter em grande consideração as práticas exteriores e a criticar as peregrinações e o culto das relíquias⁹⁰.

Da exposição que fizemos sobre as duas linhas de discernimento que encontramos na «Imitação de Cristo» podemos concluir dizendo que este discernimento é aceitável enquanto insiste no desejo de entrega a Cristo e na liberdade interior. Mas, por outro lado, pode ser também um discernimento perigoso porque desconhece a dimensão comunitária da fé e do discernimento. Este pode terminar em pura alienação porque todo aquele que pretende discernir os diversos espíritos só com a ajuda da sua consciência pessoal e individual pode terminar encontrando somente os interesses por que está motivado e não a vontade de Deus. Assim todas as suas práticas espirituais podem também actuar como tranquilizante para a própria consciência, fechando-se ao dinamismo do amor de Deus.

O discernimento cristão não deve restringir-se à vida espiritual ou interior de pessoas piedosas mas é também um assunto eclesial e comunitário e o seu objectivo último é ajudar a realizar no concreto da vida o Reino de Deus.

O discernimento espiritual não é um código de leis estabelecido, por isso é uma das artes difíceis no governo

⁸⁶ III, II,3; III, III,5; III, IV,2; III, VII,2; III, XXVII,1; III, ⁸⁸ II, II,1; II, IV, 2; II, VI, 1,2,3; III, XXII,6; III, XLIII,2; III, XLVIII,6; IV, VII,1; IV, XI,7.

⁸⁷ I, XXV,2; III, I,1; III, III,6 III, XXV,3.

⁸⁸ II, I,7; II, VI,4; III, I,1; III, II,1,2,3.

dos homens e da Igreja. A História é testemunha dessa dificuldade porque em cada época é necessário actualizar o discernimento de acordo com o momento histórico.

Nos nossos dias parece ser mais difícil realizar o discernimento porque quanto mais se chama a atenção para o elemento carismático da comunidade tanto mais vivamente se sente a necessidade do discernimento. Quanto maiores são as dificuldades que nos rodeiam mais se sente a urgência e a necessidade do discernimento para realizar a vontade de Deus.

A. Abel R. Canavarro

A fundação e construção da Igreja e Convento da Congregação de S. João Evangelista de Vila da Feira

(Breves apontamentos de arquivo)

1. Ao olharmos hoje para o escudo de armas da Feira é difícil não sentirmos nele a feliz evocação da história da cidade. O *campo azul*, plenamente adequado a *Terras de Santa Maria*, é no entanto perfeitamente azado a uma outra evocação intimamente ligada à história destas terras: a secular existência, bem perto do castelo e no coração da vila, de uma imponente fundação claustral da Congregação de S. João Evangelista, cujos cônegos, como é geralmente sabido, eram também no nosso país conhecidos popularmente por *azuis*, pela cor «celestina» de um hábito institucionalmente assumido como sinal de especial afecto da e à Virgem Maria¹.

No entanto não devemos estranhar demasiado se em *O Céu aberto na Terra*, a crónica impressa da Congregação, o Padre Francisco de Santa Maria consagra umas escassas cinco páginas ao convento da Feira². Em 1697, data da impressão da crónica, esta era a nona e última casa da congregação, e, apesar de a primeira pedra ter sido lançada em 1560, não obstante Francisco de Santa Maria nos asseverar que, passados seis

¹ Cf. *Estatutos e Constituições*, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, 1804, Cap. III, pp. 8-9. (1.ª Impressão de Germão Galharde, Lx.ª 1540).

² *O Ceo aberto na terra, História das Sagradas Congregações dos Conegos Seculares de S. Jorge em Alga de Venesa & de S. João Evangelista em Portugal*, Lisboa, Of. Manoel Lopes Ferreira, 1697, Livro 2.º, Cap. XLI, pp. 533-538.